

A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA NO ESTUDO DA ALTERNÂNCIA PRONOMINAL E DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

THE IMPORTANCE OF THE METHODOLOGY IN THE STUDY OF PRONOMINAL ALTERNATION AND VERBAL AGREEMENT OF FIRST PERSON PLURAL

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
cassiorubio@unilab.edu.br

Proponho, nesta pesquisa, apresentar discussão de metodologia para estudo sociolinguístico de fenômenos relacionados à primeira pessoa do plural, a saber, alternância pronominal entre *nós* e *a gente* e concordância verbal relacionada a cada uma dessas formas pronominais, a partir de resultados de alguns estudos já realizados com base em variedades do Português Brasileiro e Europeu. O viés teórico empregado nesta discussão é o da Teoria da Variação Linguística (Labov 1966, 1972, 1994; Weinreich, Labov e Herzog, 1968). O quadro comparativo evidenciado neste trabalho, que tem como base, dentre outros, os estudos de Naro, Görski e Fernandes (1999), Coelho (2006), Mendonça (2010), Antonino e Bandeira (2011), Vianna (2011) e Rubio (2012), revela que diferentes opções metodológicas para consideração das ocorrências em que a representação da primeira pessoa do plural do discurso se faz presente por meio das desinências verbais – *mos* e \emptyset , alternantes em algumas variedades da Língua Portuguesa em contextos de sujeitos de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, podem levar a resultados bastante divergentes em relação às frequências gerais de variação e também em relação aos fatores selecionados como relevantes no processo.

Palavras-chave: concordância verbal; primeira pessoa do plural; alternância pronominal

I propose in this research to present discussion of methodology for sociolinguistic study of phenomena related to the first person plural, namely pronominal alternation between *nós* and *a gente* and verbal agreement related to each of these pronoun forms, from the results of some previous studies based on varieties of Brazilian and European Portuguese. The theoretical framework used in this discussion is the Theory of Linguistic Variation (Labov 1966, 1972, 1994; Weinreich, Labov & Herzog, 1968). The comparative table shown in this paper, which is based, among others, in studies of Naro, Görski and Fernandes (1999), Coelho (2006), Mendonça (2010), Antonino and Bandeira (2011), Vianna (2011) and Rubio (2012), reveals that different methodological options for consideration of cases in which the representation of the first person plural is present through verb endings *-mos* and \emptyset , alternating in some varieties of the Portuguese language in contexts of subjects of first person plural *nós* and *a gente*, can lead to very different results in relation to general frequency variation and also in relation to factors selected as relevant in the process.

Keywords: verbal agreement; first person plural; pronominal alternation

0. INTRODUÇÃO

Inúmeros estudos sociolinguísticos de variedades do Português Brasileiro já comprovaram fartamente que a concordância verbal (doravante, CV) de primeira pessoa do plural (doravante, 1PP) constitui fenômeno variável.

Grande parte das pesquisas se concentra na variação de CV entre o pronome *nós* e a forma verbal a ele relacionada. Como exemplos, dentre outros, os estudos de Bortoni-Ricardo (1985), que trata da fala de migrantes da zona rural na cidade satélite de Brazlândia (DF); Assis (1988), que descreve brevemente o sistema de CV do dialeto da Ilha do Desterro (SC); Rodrigues (1987), que trata do Português Popular da periferia de São Paulo, incluindo também a terceira pessoa do plural (3PP); Camacho (1993), que investiga aspectos funcionais e estruturais da CV no português culto registrado nas amostras do Projeto NURC de São Paulo; Zilles, Maya e

Silva (2000), que abordam a CV em Panambi e Porto Alegre (RS); e Lucchesi *et al.* (2009), que pesquisam amostras do dialeto da Helvécia (BA).

A alternância pronominal (AP, doravante) entre *nós* e *a gente* também é fenômeno comprovadamente variável em variedades do Português Brasileiro e Europeu, como demonstram as pesquisas de Omena (1986, 1996, 2003), para o dialeto carioca; Lopes (1998, 1999), para a fala culta do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador; e Zilles (2004, 2005, 2007), que tratou da gramaticalização e da avaliação social da forma *a gente* na fala e na escrita de variedades do território brasileiro.

A concordância com a forma pronominal *a gente*, que ainda é pouco considerada em variedades do Português, também se revela fenômeno variável em algumas investigações, como as de Costa *et al.* (2001), que compara de forma qualitativa o Português Brasileiro e o Europeu; e de Pereira (2003), que trata da concordância nominal entre predicativos e *a gente* em posição de sujeito.

A análise conjunta da variação na concordância de 1PP e da AP entre as formas *nós* e *a gente* foi proposta nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Vianna (2006), ambos em amostras de fala do Rio de Janeiro, de Coelho (2006), para a língua falada na periferia paulistana; e de Rubio (2012), que considerou amostras de fala do Interior Paulista e de diversas regiões do território português.

Naro, Görski e Fernandes (1999) resumem os fenômenos de AP e de variação na CV de 1PP no Português Brasileiro da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão.

(Naro; Görski; Fernandes 1999: tradução nossa)

1. CONTEXTOS ANALISADOS PARA OS FENÔMENOS RELACIONADOS À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Ao analisar a AP *nós* e *a gente* em quatro gerações de falantes do Rio de Janeiro, Naro, Görski e Fernandes (1999) consideraram ocorrências de 1PP explícitas e implícitas, associando as desinências verbais *-mos* e \emptyset às formas explícitas em orações anteriores. As ocorrências foram classificadas como próximas ou distantes, de acordo com o distanciamento da forma pronominal explícita *nós* e *a gente*. Os sujeitos desinenciais (ou implícitos) com distância superior a cinco sílabas da forma pronominal foram classificados como distantes, como vemos a seguir:

Posição do sujeito com seu respectivo verbo

Para a posição do sujeito com seu respectivo verbo, distinguimos duas categorias: próxima e distante. Consideramos o sujeito como próximo quando ele se posiciona antes do verbo e é separado dele por menos de cinco sílabas de material fonético. Na ocorrência (3), o primeiro verbo é considerado como um caso de sujeito próximo e o segundo verbo, como um caso de sujeito distante.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles.

Nós não fizemos distinção entre um sujeito distante e um sujeito desinencial.

(Naro; Görski; Fernandes 1999: 204, tradução nossa)¹

¹ Position of the subject with respect to the verb

For the position of the subject with respect to the verb we distinguished two categories: near and distant. We considered the subject to be near the verb when it is placed before the verb and is separated from it by not more than five syllables of phonic material. 6 Thus, in (3), the first verb is considered to have a near subject, and the second is verb is classified as having a distant subject.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles

'We always meet with the group, then (we) speak with them.'

We did not distinguish between a distant and a 0 subject.

Os resultados apresentados pelos pesquisadores, revelados, inclusive, como frutos de opção metodológica, apontam a preferência do falante pelo emprego da desinência *–mos* como referência à 1PP do discurso nos casos de sujeito distante, seja ele a forma pronominal *nós* ou seja a forma *a gente*.

Mendonça (2010), ao analisar a alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala de Vitória, no Espírito Santo, também considerou as ocorrências em que as formas se encontram explícitas na oração e as ocorrências em que a representação da 1PP do discurso se fazia presente por meio das desinências verbais *–mos* e \emptyset , alternantes em contextos de sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*. Recorrendo à opção metodológica diversa da empreendida por Naro, Görski e Fernandes (1999), em seus trabalhos, Mendonça (2010) e Vianna (2011) optaram por associar os verbos com terminação *–mos* (1PP) ao pronome *nós*, denominando-os de casos de *nós implícito*, e os verbos com terminação \emptyset (3PS) à forma pronominal *a gente*, classificando-os como ocorrências de *a gente implícito*, independentemente da forma pronominal explícita em oração anterior.

Em estudo da AP em comunidade da periferia paulistana e em comunidade afro-brasileira isolada do estado da Bahia, Coelho (2006) e Antonino e Bandeira (2011), respectivamente, consideraram também os casos de sujeitos desinenciais com formas verbais de 1PP e de 3PS, associando-as às formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas em contextos anteriores, respectivamente.

Com base nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Coelho (2006) e de Antonino e Bandeira (2011) e na consideração de que as desinências de 1PP e de 3PS, nas comunidades investigadas, são formas concorrentes tanto junto da forma pronominal *nós* quanto da forma pronominal *a gente* (ocorrências (1.a-f), destacando-se (1.a) e (1.e)), analisaremos, para a AP de 1PP do discurso em posição de sujeito, as ocorrências das formas *nós* e *a gente* explícitas (como em (i) e (ii) das ocorrências em 1) e as ocorrências das formas verbais alternantes de 1PP do discurso representadas pelas desinências *–mos* e \emptyset , que apresentam as formas pronominais *nós* ou *a gente* em oração anterior. São considerados casos implícitos do pronome *nós* as formas desinenciais *–mos* ou \emptyset , que possuem o pronome *nós* explícito em oração anterior (como em (iii) das ocorrências em (1)). Da mesma forma, são considerados casos de *a gente implícito* as ocorrências das desinências *–mos* ou \emptyset que possuem a forma pronominal *a gente* explícita em oração anterior (como em (iv), das ocorrências em (1)).²

(1.a)	Inf.: é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: (i) <i>nós</i> namoramo(s) um ano... e depois (i) <i>nós</i> casô(u)... (i) <i>nós</i> fugimo(s) (iii) <i>casamo(s)</i> ... (iii) <i>teve</i> uma vida muito difícil hoje graças a Deus (VI) (iii) <i>tá</i> estabilizado mas::... foi difícil no começo	(BDI 059 17)
(1.b)	Inf.: bom... eu tenho um:: um colega que chama::... J... e ele:: um certo dia ele::... (i) <i>nós</i> tava na rua era umas:: onze e meia da noite... (ii) <i>a gente</i> tava lá:: fora... tal conversan(d)o (iv) <i>descemo(s)</i> no bar pa to/ jogá(r) um bilhar... daí de repente (ii) <i>a gente</i> tava jogan(d)o bilhar assim no bar... (iv) <i>escutamo(s)</i> um barulho numa:: casa vizinha do lado... (i) <i>nós</i> fomo(s) lá vê(r) o que que era... tava esse J... e uns o(u)tros colega dele... junto com ele tam(b)ém ro(u)bando:: fio de casa	(BDI 031 40)
(1.c)	a estrada é (...) uma, uma coisa é... quer dizer, (ii) <i>a gente</i> quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, (ii) <i>a gente</i> temos que aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada... desde que o, que o temporal teja velhaco, ora (ii) <i>a gente</i> vamos aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas (ii) <i>a gente</i> com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora (ii) <i>a gente</i> não temos um apára-brisas, nem (iv) <i>temos</i> nada, aquilo ali é aguentar o pacote, mas aquilo é um bocado custoso, é o que me custa mais é sempre o que custa mais à gente e é o frio no inverno aí numa estrada.	(CRPC 194 3)
(1.d)	x: e então (i) <i>nós</i> saímos das aulas para aí ao meio-dia, depois (iii) <i>telefonamos</i> , (iii) <i>combinamos</i> a, a hora, e (iii) <i>vamos</i> a caminho da praia. (iii) <i>fomos</i> para aí duas vezes. (iii) <i>chegámos</i> um dia à torre, para aí num sábado. foi quando (iii) <i>fomos</i> com ele, (iii) <i>chegámos</i> à praia da torre, (iii) <i>instalámos</i> lá por trás dum, dum barco que tava assim empinado na areia; (iii) <i>acondicionámos</i> ali as, as nossas bagagens	(CRPC 122 10)
(1.e)	(ii) <i>a gente</i> ficô(u) lá quinze dias... (iv) <i>fomos</i> de ô::nibus (iv) <i>chegamo(s)</i> lá tudo era novida::de (iv) <i>passeamo(s)</i> bastante (iv) <i>comemo(s)</i> muito pe(i)xe	(BDI 034 75)

² Na codificação que segue cada ocorrência de amostra de fala, são identificados a origem (CRPC, para as amostras do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (Português Europeu), que apresenta amostras de fala de inúmeras regiões portuguesas, estratificadas por gênero, faixa etária e escolaridade, e BDI, para as amostras do banco de dados Iboruna (Português Brasileiro), que apresenta amostras de fala da região Noroeste do Estado de São Paulo, estratificadas por gênero, faixa etária e escolaridade, o número de identificação da amostra no *corpus* e a linha de localização da ocorrência.

As ocorrências de verbo flexionado na 1PP com sujeito zero que não possuem pronome explícito em contexto anterior não foram consideradas, por não configurarem casos de alternância *nós* e *a gente*. As comunidades investigadas apresentam emprego da forma verbal de 1PP variável, que ocorre tanto com o pronome *a gente* quanto com o pronome *nós*. A consideração desses casos somente seria possível se considerada uma variável dependente ternária, com variantes *nós*, *a gente*, e *desinência de 1PP –mos* (sem referente pronominal explícito em oração anterior), o que, defendemos, também apresentaria resultados de grande relevância. Contudo, considerando que um dos focos desta pesquisa é a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* como formas de representação da 1PP do discurso em posição de sujeito, restringimo-nos apenas à análise dessas formas em contexto explícito e implícito.

Em relação ao estudo do fenômeno da CV de 1PP, semelhante ao que se verifica na AP, foram consideradas todas as ocorrências de formas verbais em 1PP e de 3PS que apresentam como sujeito sentencial explícito na própria oração (como em (2.a) e (2.b)) ou expresso em orações anteriores (como em (2.c) e (2.d)) as formas pronominais *a gente* e *nós*, as quais podem representar a 1PP do discurso.

(2.a)	tem uma história d'uma namorada minha que <i>a gente</i> se conheceu há uns dois anos (BDI 029 5)
(2.b)	acho que é muito diNHE(i)ro envolvido <i>nós</i> somo(s) um país muito RIco em petróleo e tê(r) que comPRÁ(r) petróleo de o(u)tros paí::ses (BDI 077 10)
(2.c)	o mar partia em cima dele e tava sujeito a pô-lo no fundo, quando <i>a gente</i> <i>passámos</i> um cabo, ao barco, e rebocámos para fora, mas o barco não podia vir para fora (CRPC 1293 15)
(2.d)	ela já tava meia assim... aí <i>nós</i> falamo(s) que ia ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê (BDI 072 180)

2. RESULTADOS PARA OS FENÔMENOS VARIÁVEIS RELACIONADOS À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Como já exposto, em relação à 1PP do discurso, observam-se fenômenos variáveis de AP e de CV. Na sequência, elaboramos a apresentação particularizada de cada fenômeno em cada uma das comunidades, estabelecendo as relações que se mostrem pertinentes aos fenômenos e às variedades pesquisadas.

2.1. Alternância pronominal *nós* x *a gente* no Português Brasileiro e no Português Europeu

Para a AP, nos *corpora* do Português Europeu (doravante, PE) e do Português Brasileiro (doravante, PB), foi analisado um total de 2.649 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas (plenas) e não-explícitas (desinenciais ou nulas), sendo 476 ocorrências do PE e 2.173 do PB. Dos 476 casos observados no PE, 200 ocorrências são do pronome *a gente* (149 ocorrências da forma explícita e 51 da forma não-explícita) e 276 do pronome *nós* (185 ocorrências da forma explícita e 91 da forma não-explícita). Para o PB, do total de 2.173 ocorrências, 1.603 casos são da forma pronominal *a gente* (1.413 ocorrências do pronome explícito e 190 do pronome não-explícito) e 570 da forma pronominal *nós* (477 casos de *nós* explícito e 93 casos de *nós* não-explícito). A seguir a Tabela com os percentuais de distribuição das ocorrências.

Variedade	Nós		A Gente		TOTAL
PB – Iboruna	26,2% (570)		73,8% (1.603)		100% (2.173)
Sujeito pronominal	Explícito 83,7% (477)	Não-explícito 16,3% (93)	Explícito 88,1% (1.413)	Não-explícito 11,9% (190)	
PE – CRPC	58% (276)		42% (200)		100% (476)
Sujeito pronominal	Explícito 67% (185)	Não-explícito 33% (91)	Explícito 74,5% (149)	Não-explícito 25,5% (51)	

Tabela 1. Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no Português Brasileiro e no Português Europeu

Os resultados apontam que a forma inovadora *a gente* predomina sobre a forma pronominal conservadora *nós* nos dados do PB, com percentual de uso de 73,8%. Ao considerarmos, porém, as frequências obtidas para amostras do PE, podemos verificar o predomínio da forma padrão *nós* sobre a forma não-padrão *a gente* (58% e 42%, respectivamente).

Efetuamos a comparação dos resultados obtidos com resultados de outras regiões do Estado de São Paulo, de outros estados brasileiros e de amostras de algumas localidades portuguesas, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais da AP em diferentes variedades da Língua Portuguesa.^{3,4}

Variedade	Características Sociais	Nós	A Gente
João Pessoa – PB Projeto VALPB (Fernandes 1999)	escolaridade: de nula a superior; faixa etária: de 15 a 25, 26 a 49 e + de 50; gêneros: masculino e feminino	21%	79%
Pelotas – RS Projeto VARX (Borges 2004)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: 16 a 25, 26 a 37, 38 a 49, 50 a 64 e + 65; gêneros masculino e feminino.	22%	78%
Interior Paulista Iboruna (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	26,2%	73,8%
Florianópolis – SC Projeto VARSUL (Seara 2000)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: de 15 a 24, 25 a 50 e + de 50; gêneros: feminino e masculino	28%	72%
Rio de Janeiro – RJ (Omena; Braga 1996)	escolaridade: ens. fundamental e médio; faixa etária: de 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49, 50 a 71; gêneros: masculino e feminino	30%	70%
Porto Alegre – RS (Zilles 2000)	escolaridade: de baixa até superior; faixa etária: de 25 a 49 e mais de 50; gêneros: feminino e masculino	31%	69%
Blumenau – SC (Tamanine 2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	40%	60%
Lages – SC (Tamanine 2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	42%	58%
Cinzento – BA C. Afro-Brasileira (Antonino; Bandeira 2011)	escolaridade: baixa ou nula; faixa etária: de 20 a 40, 41 a 60, 61 a 80 e + de 80; gêneros: feminino e masculino	44%	56%
Goiás – GO (Mattos 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	46%	54%
Brasilândia Periferia de SP (Coelho 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino	47%	53%
Chapecó – SC (Tamanine 2002)	escolaridade: primário, ginásio e secundário; faixa etária: até 45 anos e mais de 50; gêneros: masculino e feminino	52%	48%
R. DE Janeiro, P. Alegre e	escolaridade: superior;	57,8%	42,2%

³ Tivemos contato somente com o estudo sociolinguístico de Vianna (2011) para a AP *nós* e *a gente* em variedades do PE.

⁴ Não é nosso intuito, neste momento, abarcar todos os estudos já propostos sobre AP de 1PP na Língua Portuguesa. Nossa proposta, diferentemente disso, é demonstrar que o fenômeno, ainda que se encontre catalogado, apresenta diferentes características, a depender, principalmente, de fatores de ordem diatópica e diastrática.

Salvador (Lopes 1998)	faixa etária: de 25 a 35, 36 a 55 e + de 56; gêneros: masculino e feminino		
Portugal CRPC (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	58%	42%
Funchal – PE (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	74%	26%
Cacém – PE (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	78%	22%
Oeiras – PE (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	91%	9%

Tabela 2. Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em diferentes variedades do Português Brasileiro e do Português Europeu

A observação permite evidenciar que as variedades apresentam diferentes características de uso das formas pronominais *nós* e *a gente*, com uma discrepância, se comparadas às variedades dos extremos da Tabela, de 70 pontos percentuais para a AP de 1PP.

Em variedades de diferentes regiões e estados brasileiros, como a de João Pessoa (PB), a de Pelotas (RS), a do Interior Paulista, a de Florianópolis (SC), a do Rio de Janeiro (RJ) (Omena; Braga 1996), a de Porto Alegre (RS) (Zilles 2000), nota-se, pelos percentuais elevados de emprego da forma *a gente* (79%, 78%, 69% e 73,8%, 72%, 70% e 69%, respectivamente), o predomínio da forma inovadora sobre a forma conservadora, o que, contudo, não se estende a todas as variedades do território brasileiro. É possível verificar equilíbrio, ainda que com leve predomínio do uso do pronome *a gente*, em determinadas comunidades, como a de Brasilândia, na periferia de São Paulo, e do estado de Goiás, que apresentaram, respectivamente, 53% e 54% de emprego da forma não padrão.

O leve predomínio do pronome *nós* foi atestado recentemente em Chapecó, Santa Catarina, com 52% de emprego, em oposição aos 48% de emprego da forma *a gente*. Lopes (1998), em estudo do português culto falado brasileiro, constatou 57,8% de uso da forma conservadora *nós* nas cidades do Rio de Janeiro, de Salvador e de Porto Alegre, uma frequência praticamente idêntica à observada nas amostras do PE do CRPC (58%), consideradas nesta pesquisa.

Poder-se-ia afirmar que o Português Culto Brasileiro (considerado na pesquisa de Lopes (op.cit.)) se aproxima do PE, haja vista apresentar praticamente o mesmo percentual para o fenômeno da AP de 1PP. Contudo, a observação de outras pesquisas sugere cautela em relação a essa conclusão. Ao considerarmos o estudo da comunidade afro-brasileira isolada de Cinzento, na Bahia, de Antonino e Bandeira (2011) (44% de emprego de *nós*), constatamos uma frequência mais próxima das verificadas para o PE do CRPC (58%) do que para algumas pesquisas do PB, como da Paraíba, de Pelotas e do Interior Paulista. Entre a pesquisa da comunidade de Cinzento, na Bahia, e a pesquisa do PE do CRPC, há uma diferença de 14 pontos percentuais. A diferença entre o resultado de Cinzento e os resultados da Paraíba, de Pelotas e do Interior Paulista é de 23, 22 e 17,8 pontos percentuais, respectivamente.

Essa constatação, aliada à observação de outros estudos do PB, confirma que a escolaridade não é um fator que exerce forte influência no fenômeno variável da AP, já que, apesar de a maioria dos trabalhos considerar informantes de todas as faixas escolares (desde escolaridade nula até superior), houve diferença bastante elevada da frequência apresentada para a AP nas comunidades. Observa-se, por exemplo, semelhança entre as frequências das amostras de falantes com nula ou baixa escolarização de Cinzento, na Bahia (44% de emprego do *nós*), das amostras de informantes com escolaridade primária, ginásial e secundária de Lages, Santa Catarina (42% de uso do *nós*), e das amostras de informantes com escolaridade média e superior de Goiás (46% de emprego do *nós*). Por outro lado, há discrepância entre o estudo da AP de Florianópolis-SC (28% de emprego do *nós*), elaborado por Seara (2000) e de Chapecó-SC (52% de uso do *nós*), empreendido por Tamanine (2002),

ambos abarcando informantes catarinenses de escolaridade primária, ginasial e secundária, com faixas etárias semelhantes e dos dois gêneros.

A análise de resultados de outros trabalhos também demonstra que a variação diatópica não pode ser considerada preponderante na AP, pois se observam comunidades com grande distância geográfica, como a de João Pessoa, na Paraíba, a de Pelotas, no Rio Grande do Sul, e a do Interior Paulista, que apresentam frequências assemelhadas para o fenômeno variável (79%, 78% e 73,8% de emprego do pronome *a gente*, respectivamente).

Nos estudos já empreendidos para amostras do PE, constatamos uma diferença de 33 pontos percentuais entre o emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, diferença menor que a observada entre os estudos brasileiros (36,8). Vianna (2011), na análise da AP de três comunidades do PE, obteve valores diferentes para cada uma das comunidades (74%, 78% e 91% de uso do *nós*, respectivamente, para Funchal, Cacém e Oeiras). Os resultados que mais se aproximaram dos evidenciados nesta pesquisa (CRPC) (58%) foram os da comunidade de Funchal, todavia, com diferença de 16 pontos percentuais. A diferença de frequência de AP de nosso trabalho em relação ao trabalho de Vianna (2011) pode residir também nas diferentes opções metodológicas seguidas, pois, como já apresentado, optamos por considerar, na AP, os casos de sujeitos explícitos e de sujeitos não-explícitos que apresentassem em contextos anteriores as formas concorrentes *nós* e *a gente* (opção considerada também para a CV de IPP). Como já apontado, além dos pronomes *nós* e *a gente*, encontramos outras formas de referência à IPP do discurso, dentre elas o emprego do verbo em IPP (*-mos*), sem referente explícito em oração anterior, como vemos em (3).

(3)	isto é tudo uma fantochada, a apoiar a... o, a entidade patronal. temos o caso, por exemplo, da, a... dos contratos colectivos de trabalho, não é. ora o contrato colectivo de trabalho, quanto a mim, só pode ser discutido entre o sindicato que é o repre(...) são os representantes, os elementos, os elementos do sindicato são os representantes dos trabalhadores e o grémio que são os representantes da entidade patronal
-----	---

(CRPC 077 1)

O excerto acima, extraído de uma entrevista do CRPC, é o início da fala do informante. Não há menções anteriores a nenhum dos pronomes em processo de variação (*nós* e *a gente*), o que nos leva a defender que esses casos não podem ser vistos como contextos de “*nós* nulo”, como aponta o trecho abaixo, de Vianna (2011), uma vez que, no PE, tanto a forma *nós* como *a gente* são candidatas potenciais a ocorrer com verbos flexionados em IPP.

A partir da primeira referência feita a ele mesmo e sua família (“quando não têm nada ao fim-de-semana normalmente **Ø** saímos...”), há uma sequência de dados de 1ª pessoa do plural: “...**Ø** vamos porque **Ø** temos...**temos** um...aqui na aldeia do meco que é próximo de Sesimbra um local... **Ø** temos lá uma casa **Ø** ficamos por ali...ou então **Ø** vamos pra outras zonas do país...”. No caso desse trecho, o informante repete sempre a mesma forma na indicação do mesmo referente: **o pronome nós nulo. Ou seja, são dados de nós, precedidos de forma nós**

(Vianna 2011: 117, destaques nossos)

A opção metodológica pode alterar o resultado geral, ocasionando uma elevação no percentual geral de uso do *nós*. Vejamos, a seguir, as conclusões da própria autora sobre os resultados de sua pesquisa.

Como fica evidente... **mais da metade dos dados de referência à 1ª pessoa do plural ocorrem por meio da indicação desinencial do verbo em P4 (-mos): 65% nas três amostras em conjunto.** O restante das ocorrências de 1ª pessoa do plural divide-se, basicamente, entre a utilização preenchida das duas formas: 17% de *nós* e 16% de *a gente*. **A realização nula de *a gente* é praticamente irrisória**, registrando-se em apenas 2% das ocorrências.

(Vianna 2011: 109, grifos nossos)

Coelho (2006), na análise de dados do PB, não considerou as ocorrências com formas desinenciais de IPP sem referente explícito em contexto anterior, justificando que:

Em contextos como esse, não há pronomes ou verbos com marca de primeira pessoa do plural nem antes, nem depois do decorrer da progressão referencial. Como dissemos essa construção não foi para a análise da variável *Pronomes* uma vez que não havia maneira de se saber em qual variante pronominal a ocorrência se enquadrava.

Conforme também já tratamos, essa construção não foi para a análise da variável *Concordância*, uma vez que sua versão com a variante zero é teoricamente impossível

(Coelho 2006:140)

Dessa forma, possíveis divergências entre as frequências apresentadas podem ser fruto da opção metodológica de cada pesquisador. Como se pode observar, os estudos de Vianna (2011) apresentaram maiores frequências de uso do pronome *nós* do que o estudo da presente pesquisa devido, possivelmente, às ocorrências de verbos com desinências de 1PP sem referente explícito terem sido consideradas como casos de “*nós implícito*”. A análise sob essa perspectiva propiciou, inclusive, importante informação sobre a representação da 1PP do discurso no PE, como vemos a seguir.

Pode-se dizer que, entre falantes portugueses, a opção primeira na indicação da 1ª pessoa do plural acontece por meio da desinência verbal *-mos*.

(Vianna 2011: 109)

No entanto, pela afirmação acima e pelo que já fora discutido, a desinência *-mos* em contextos isolados, sem referente pronominal, seria forma concorrente tanto do pronome *a gente* + forma verbal em 3PS/1PP como do pronome *nós* + forma verbal em 1PP (no PE) ou pronome *nós* + forma verbal em 3PS/1PP (no PB).

A considerar que a proposta da pesquisa tem como um de seus focos a análise do AP entre *nós* e *a gente* e não a representação do sujeito em 1PP do discurso, confirmamos nossa opção metodológica.

Além de as variedades do português aqui em análise apresentarem percentuais gerais discrepantes em relação à AP de 1PP, diferentes variáveis linguísticas e sociais em diferentes ordens de relevância demonstraram influenciar o processo de variação nas amostras (exceção apenas para a variável *paralelismo linguístico*), conforme apresentamos no quadro abaixo.

Variáveis		Fenômeno	<i>Nós x A gente</i> Português do Interior Paulista – Iboruna	<i>Nós x A gente</i> Português Europeu – CRPC
Linguísticas	Paralelismo linguístico discursivo		1º	1º
	Saliência fônica verbal		2º	não selecionado
	Grau de determinação do sujeito		5º	não selecionado
	Tempo e modo verbal		6º	não selecionado
	Preenchimento do sujeito		não selecionado	não selecionado
Sociais	Escolaridade		4º	2º
	Faixa etária		3º	não selecionado
	Gênero		não selecionado	3º

Quadro 1. Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para os fenômenos de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no Português Europeu e no Português Brasileiro do Interior Paulista

É possível observar, no quadro, que, dentre as variáveis linguísticas, apenas *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado para os dois *corpora*. *Saliência fônica verbal*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal* foram selecionados apenas para as amostras do PB do Interior Paulista (em 2º, em 5º e em 6º lugares, respectivamente). O grupo de fatores *preenchimento do sujeito*, que controla os contextos de sujeito explícito e de sujeito não-explícito, foi o único não selecionado pelo programa *GOLDVARB*, para ambos os *corpora*, o que revela que a variável possui pouco peso no processo de AP nas amostras consideradas.⁵

Relativamente às variáveis sociais, sobressai *escolaridade*, que foi selecionada como relevante nas amostras do PB e do PE, respectivamente, em 4º e 2º lugar. *Gênero*, considerado estatisticamente relevante apenas para o PE, foi selecionado em terceiro lugar. A variável *faixa etária do informante* foi selecionada somente para a amostra do Interior Paulista, também em terceiro lugar.

⁵ Em Vianna (2011), o grupo de fatores *preenchimento do sujeito* revelou-se de grande relevância na AP, tendo sido selecionado para as três amostras do PE, resultado que também se justifica pela opção metodológica do trabalho, que considera os casos de sujeito desinencial de 1PP sem referente anterior como associados ao pronome *nós*. Obviamente, os contextos de sujeito não preenchido se mostrarão fortemente favorecedores do emprego do pronome *nós* e os contextos de sujeito pleno (preenchido) favorecerão o uso de *a gente*. Para emprego de *a gente*, os resultados apontam peso relativo de 0,90, para sujeitos plenos, e de 0,24, para sujeitos nulos (Vianna, 2011, p. 105).

A partir dos resultados apresentados no quadro 1, um primeiro julgamento acerca desse estudo da AP de 1PP é o de que, para o PB, é forte a atuação tanto de variáveis linguísticas quanto sociais, ao passo que, para o PE, atuam mais fortemente variáveis sociais do que linguísticas. Por uma questão de recorte metodológico, ater-nos-emos, neste trabalho, apenas à apresentação dos resultados gerais e quadro de variáveis selecionado.

2.2. Concordância verbal de primeira pessoa do plural no Português Brasileiro e no Português Europeu

Passamos a tratar de dois outros fenômenos variáveis relacionados à 1PP, a CV junto do pronome *nós* e a CV junto do pronome *a gente*. A seguir, apresentamos os resultados gerais para esses processos de variação.

Pronome Variedade	Nós		A Gente	
	1PP	3PS	1PP	3PS
PB	85,5% (488/570)	14,5% (82/570)	6% (98/1603)	94% (1505/1603)
PE	100% (276/276)	-	24,5% (49/200)	75,5% (151/200) ⁶

Tabela 3. Concordância verbal de primeira pessoa do plural no Português Brasileiro do Interior Paulista e no Português Europeu

Ao observarmos os resultados gerais para a CV de 1PP nas variedades pesquisadas, é possível verificar características diferentes em relação ao uso de formas verbais de 1PP e terceira pessoa do singular (3PS). No PB, evidencia-se uma frequência considerável de uso de formas verbais de 3PS junto do pronome *nós* (14,5%) ((4.a)), enquanto no PE o uso de formas verbais de 3PS não ocorre nesse contexto, sendo categórica a regra de uso de 1PP (ao menos nas amostras consideradas), como ocorre em (4.b).

(4.a)	foi uma traição assim uma coisa muito bem escondido porque <i>nós</i> nunca desconfiô(u) de nada... de nada de nada de nada... porque viVIA dentro da sua casa... a gente conviVIA ali (BDI 090 500)
(4.b)	então o que é que quer dizer formicar?» pois ela assim: «ai!» pois <i>nós</i> rebolávamos a rir e ela: «ai, se calhar é uma grande asneira! ai que coisa! (CRPC 479 20)

Ao considerarmos, porém, a CV com o pronome *a gente*, os resultados demonstram haver maior variação na variedade lusitana do que na brasileira. O uso de formas verbais em 3PS junto da forma pronominal *a gente* foi de 94% no PB ((5.a)) e de 75,5% no PE, ou seja, o emprego de 1PP com *a gente* ((5.b)) é quase 20% maior nas amostras de Portugal.

(5.a)	mais um po(u)co pra frente... já tem uma entradazinha... né? que <i>a gente</i> fala que é a Lagoa Seca né (BDI 132 195)
(5.b)	o navio fica ancorado e <i>a gente</i> íamos com os botezinhos é que íamos procurar (CRPC 169 20)

Abaixo, nas Tabelas que seguem, efetuamos a comparação dos resultados obtidos em nosso estudo para a CV de 1PP com os pronomes *nós* e *a gente* com os resultados evidenciados em outros estados e regiões brasileiros, a fim de verificar as semelhanças e discrepâncias de percentuais de aplicação de CV de 1PP.

Variedade	Características Sociais	1PP	3PS
Brasilândia Periferia de SP (Coelho 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino.	30%	70%
Feira de Santana – BA (Carmo; Araujo 2010)	escolaridade: nula e fundamental (português popular); faixa etária: diversas, mas não informadas no trabalho; gêneros: masculino e feminino.	32,6%	67,4%

⁶ Há de se destacar que não houve equilíbrio entre o número de ocorrências analisado no PB e no PE, o que se deve ao fato, já mencionado, de as entrevistas do CRPC possuírem menor extensão do que as entrevistas do banco de dados Iboruna.

Rio de Janeiro – RJ (Naro et. al. 1999)	escolaridade: até 3 anos e de 4 a 8 anos; faixa etária: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos; gêneros: masculino e feminino.	53%	47%
Periferia de São Paulo (Rodrigues 1987)	escolaridade: nula e de até 4 anos; faixa etária: de 20 a 35, 36 a 50 e + de 51 anos; gêneros: feminino e masculino.	54%	46%
São Miguel dos Pretos – RS (Almeida 2006)	escolaridade: não explicitada; faixa etária: de 15 a 24, 40 a 64 e 65 a 90 anos; gêneros: masculino e feminino	73%	27%
Goiás – GO (Mattos 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	81%	19%
Interior Paulista - Iboruna (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	85,5%	14,5%
Panambi e Porto Alegre – RS (Zilles et. al. 2000)	escolaridade: de baixa até superior; faixa etária: de 25 a 49 e mais de 50; gêneros: feminino e masculino	87%	13%
Nova Iguaçu e Copacabana – RJ (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	100%	-
Cacém, Oeiras e Funchal – PT (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	100%	-
Portugal CRPC (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino.	100%	-

Tabela 4. Concordância verbal com o pronome *nós* em variedades do Português Brasileiro e do Português Europeu

Em relação à forma de 1PP concordante com o pronome *nós*, com base nos dados da Tabela acima, é possível afirmar que o fenômeno se atesta como variável na maioria das comunidades pesquisadas, com amplitudes maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP (57 pontos percentuais de diferença entre a variedade de Brasilândia, na periferia paulista, que apresenta 30% de emprego de formas verbais de 1PP, e as variedades de Panambi e de Porto Alegre, que apresentam 87% de uso de verbos em 1PP com o sujeito *nós*).

Se consideradas as variedades do PB de Copacabana e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e do PE de Oeiras, Cacém, Funchal e do CRPC, contudo, conforme já demonstramos, constata-se emprego invariável de formas verbais de 1PP junto do pronome *nós*.

A frequência de emprego da desinência de 1PP com o pronome *nós* apresentada nas amostras de fala do Interior Paulista (85,5%), a princípio, surpreende, por ser mais elevada que a apresentada em inúmeras amostras, dentre elas a de algumas capitais de estados brasileiros. Entretanto, a observação das características sociais de cada *corpus*, principalmente o nível de escolaridade dos informantes, fornece explicações para a frequência mais elevada da amostra do interior de São Paulo: as amostras que apresentam menores frequências de verbos em 1PP com o pronome *nós* possuem, quase em sua totalidade (exceção feita para a amostra de Goiás, que possui frequência inferior de CV (81%), mas bastante próxima da frequência de CV do Interior Paulista (85,5%)), informantes com níveis de escolaridade menores do que os da amostra do banco de dados Iboruna e também das amostras de CV de Panambi e Porto Alegre e de Nova Iguaçu e Copacabana, as quais apresentam todas informantes com escolaridade superior.

A consideração apenas das frequências gerais de emprego das formas de 1PP e de 3PS junto do pronome *nós* e das características sociais dos informantes, obviamente, não permite que se determine com clareza todos os fatores responsáveis pela amplitude de variação na CV entre as diversas amostras do PB, porém é possível confirmar, de antemão, que, diferentemente do fenômeno variável de AP *nós* e *a gente*, o fenômeno variável de CV de 1PP é influenciado diretamente pelo fator social escolaridade. Vejamos a Tabela para a CV com *a gente*.

Variedade	Características Sociais	1PP	3PS
Portugal CRPC (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental até superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino.	24,5%	75,5%
Rio de Janeiro – RJ (Naro et. al. 1999)	escolaridade: até 3 anos e de 4 a 8 anos; faixa etária: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos; gêneros: masculino e feminino.	13%	87%
Interior Paulista - Iboruna (Rubio 2012)	escolaridade: fundamental, média, superior; faixa etária: de 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55; gêneros: feminino e masculino	6%	94%
Brasilândia Periferia de SP (Coelho 2006)	escolaridade: de nula até 8 anos; faixa etária: - de 25, de 25 a 50 e + de 50; gêneros: masculino e feminino.	4%	96%
Feira de Santana – BA (Carmo; Araujo 2010)	escolaridade: nula e fundamental (português popular); faixa etária: diversas, mas não informadas no trabalho; gêneros: masculino e feminino.	2,2%	97,8%
Goiás – GO (Mattos 2010)	escolaridade: ensino médio e superior; faixa etária: menos de 21, de 21 a 40, acima de 41; gêneros: masculino e feminino	1%	99%
Nova Iguaçu e Copacabana – RJ (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	1%	99%
Cacém, Oeiras e Funchal – PT (Vianna 2011)	escolaridade: fundamental, média e superior; faixa etária: de 18 a 35, de 36 a 55 e + de 55; gêneros: masculino e feminino	1%	99%

Tabela 5. Concordância verbal com a forma pronominal *a gente* em variedades do Português Brasileiro e do Português Europeu

A CV com pronome *a gente* não pode ser caracterizada como fenômeno amplamente variável nem no PB nem no PE, haja vista alguns estudos terem apresentado percentuais de emprego de formas verbais de 3PS acima de 95% (as variedades de Brasilândia, na periferia de São Paulo, de Feira de Santana, na Bahia, de municípios do estado de Goiás, de Nova Iguaçu e Copacabana, no Rio de Janeiro, de Cacém, Oeiras e Funchal, em Portugal, respectivamente, com frequências de 96%, 97,8%, 99%, 99% e 99% de emprego de 3PS junto da forma pronominal *a gente*), sugerindo uma aplicação semicategórica dessas formas junto do pronome. A amostra do Interior Paulista apresentou uma variação pouco superior a 5%, o que faz com que o fenômeno de CV junto de *a gente* na comunidade também se classifique como semicategórico, com grande predominância de formas verbais de 3PS junto do pronome *a gente*, como nas ocorrências a seguir.

(6.a)	éh:: mais ou menos uma boate mas num é... especificamente uma boate... <i>a gente</i> ficô(u) lá dançô::(u) tal conheceu um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal (BDI 024 5)
(6.b)	a viagem do <i>Hopi Hari</i> foi muito legal... é::... <i>a gente</i> acordô(u) quatro horas da manhã... e:: pra í(r) lá perto do aeroporto embarcá(r) no ônibus que tinha bastante ge::nte... aí quando era umas cinco horas da manhã <i>a gente</i> saiu de lá. (BDI 037 20)
(6.c)	bom... <i>a gente</i> saía assim... bastan::te eu tinha desde os meus catorze anos <i>a gente</i> era acostumado a saí::(r) eu minha irmã:: os amigos e tal (BDI 046 70)

Das variedades investigadas do PB, a única em que o fenômeno pode ser caracterizado como plenamente variável é a do Rio de Janeiro, que apresentou um percentual de emprego da 1PP junto de *a gente* de 13%, valor inferior somente ao verificado nas amostras do CRPC de Portugal, as quais apresentaram 24,5% de emprego de 1PP junto do pronome *a gente*. Nas ocorrências do PE que seguem, é possível notar verbos em 1PP, mesmo com o sujeito explícito na mesma oração, o que é pouco comum no PB do Interior Paulista (como apresentaremos com mais detalhes a seguir).

(7.a)	com molhos lá ao modo deles, eles gostam, principalmente <i>a gente damos</i> aqui um cabrito que eles adoram, limpam até o pãozinho com... o pão limpam com, no prato aquele molhozinho do pão. (CRPC 041 15)
(7.b)	não, os bolos fui eu a mais uma irmã minha, que também ela sabe muito de bolos e ao depois elas foram para lá de noite me ajudar e <i>a gente fizemos</i> . (CRPC 863 10)
(7.c)	a gente quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, <i>a gente temos</i> que a aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada (CRPC 164 100)
(7.d)	e a gente, por acaso fui lá ao, lá abaixo ao arranjo buscar outro cabo inda mais grosso, onde <i>a gente demos</i> a volta para dar outra vez o cabo aos outros homens para (...) cá para fora (CRPC 1293 100)
(7.e)	os homens cortaram as redes que tavam trilhadas na hélice, quando <i>a gente tentámos</i> ao depois e viemos pôr os homens na barra. cá mais, não achei mais perigo nenhum. (CRPC 1293 100)
(7.f)	desde que o, que o temporal teja velhaco, ora <i>a gente vamos</i> aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas a gente com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora <i>a gente não temos</i> um apára-brisas (CRPC 194 100)

Sendo assim, a variedade do PE do CRPC, a qual não apresentou fenômeno variável relacionado à CV com o pronome *nós*; em relação à CV com *a gente*, apresenta a maior frequência de emprego de formas verbais de 1PP, atestando o fenômeno, ao menos nas amostras consideradas, como efetivamente variável. Além disso, a frequência de emprego da forma inovadora (e não padrão) observada na CV com *a gente* no PE do CRPC (24,5% de 1PP) é maior do que a frequência de emprego da forma inovadora (e não padrão) observada na CV com *nós* no PB do Interior Paulista (14,5% de 3PS).

Considerando as diferentes características dos fenômenos variáveis das comunidades consideradas, apresentamos, no Quadro que se segue, a ordem de seleção dos fatores sociais e linguísticos instanciadores do processo de variação.

Fenômeno		CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísticos	Explicitude do sujeito	5°	4°	1°
	Paralelismo discursivo	4°	1°	não selecionado
	Saliência fônica verbal	2°	2°	não selecionado
	Tempo e modo verbal	não selecionado	não selecionado	2°
	Grau de determinação do sujeito	não selecionado	3°	não selecionado
Sociais	Gênero	não selecionado	não selecionado	3°
	Faixa etária	3°	5°	4°
	Escolaridade	1°	não selecionado	5°

Quadro 2. Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no Português Brasileiro do Interior Paulista e no Português Europeu

A seleção das variáveis exibida acima, associada à CV invariável com o pronome *nós* no PE, justifica a consideração dos casos de possíveis variações em relação à CV de 1PP de forma individual, visto cada um dos fenômenos variáveis ter apresentado diferentes ordens de seleção dos fatores e diferentes fatores relevantes no processo de variação.

Para a CV com o pronome *nós* no PB do Interior Paulista, por exemplo, destaca-se a relevância de dois, dos três fatores sociais considerados, inclusive com a seleção da escolaridade como mais relevante no fenômeno. A observação da seleção proposta para a CV com o pronome *a gente* para essa mesma variedade, entretanto, mostra-se pouco influenciada por grupos de fatores sociais, já que apenas a *faixa etária* foi selecionada e, diga-

se, como última na ordem de relevância. Para esse fenômeno, vemos a forte influência de grupos de fatores linguísticos, com a seleção de quatro, dos cinco considerados.

O fenômeno da CV com *a gente* no PE se mostrou suscetível a todos os grupos de fatores sociais e a apenas alguns grupos de fatores linguísticos, todavia, esses foram selecionados em primeiro e segundo lugares, pelo critério de relevância estabelecido pelo programa estatístico *GOLDVARB*.

Respeitante às variáveis consideradas, destaque deve ser dado a *explicitude do sujeito* e *faixa etária*, selecionadas para os fenômenos variáveis nas duas variedades. Em atenção à atuação do grupo *saliência fônica*, a importância verificada por sua seleção, como segundo mais importante para a CV com *nós* e com *a gente* no PB, não se atestou no PE, porquanto não foi selecionado. Em oposição a esse fato, houve a seleção do grupo *tempo e modo verbal* apenas no fenômeno variável do PE.

Apresentamos na sequência o grupo de fatores *explicitude do sujeito*, que complementa as considerações e discussões acima empreendidas a respeito da importância da metodologia empregada no estudo de fenômenos variáveis relacionados à 1PP.

2.2.1. Explicitude do sujeito

O controle da explicitude do sujeito é proposto com base na premissa de que sujeitos ocultos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto serem essas marcas não redundantes, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (v. Bortoni-Ricardo 1985, dentre vários outros). Abaixo os resultados desse controle junto de sujeito *nós* para amostras do PB do Interior Paulista.

Explicitude do sujeito	Pronome Nós	Desinência verbal de 1PP		
		%	n° de ocorrências/total	Peso relativo
Explícito		84,2	401/475	0,453
Oculto ou desinencial		91,8	87/95	0,710

Tabela 6. Concordância verbal com o pronome *nós* no Português Brasileiro do Interior Paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

Não se observam diferenças tão significativas de percentual entre as categorias *sujeito explícito* ((8.a) e (8.b)) e *sujeito oculto ou desinencial* ((8.c), (8.d), (8.e) e (8.f)) (84,2% e 91,8%, respectivamente), contudo a diferença de PR entre as categorias (range de 257) demonstra a influência da categoria *sujeito oculto ou desinencial* no emprego de verbo com desinência de 1PP (0,710) e da categoria *sujeito explícito* no emprego de verbo com desinência de 3PS (0,453 para uso de 1PP).

(8.a)	... aí depois que nós começamos a estudá(r) a Bíblia a gente ia/ às vezes até comenta pára e pensa que foi uma provisão de Deus né?... (BDI 064 65)
(8.b)	é lá é grande nós trabalha numa base de umas de umas cento e cinquenta pessoa na produção... é:: no parque da:: onde tem as indústria beiran(d)o a rodovia (BDI 056 75)
(8.c)	nós dobramos a tam/ a ca(i)xa colocamo(s) em cima a gente veio com a parte de trás do:: do carro fechada sem podê(r) vê(r) o retrovisor de cima... chegô(u) aqui em casa eu não queria que minha mãe soubesse (BDI 086 10)
(8.d)	aí nós foi passá(r) uma temporada na Bahia... na casa da irmã dela... conhecê(r) a Bahia que ela é da Bahia... e voltamos pra Rio Preto e::... uma temporada legal até que... resolvemos largá(r) que num deu mais certo (BDI 032 120)
(8.e)	é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: nós namoramo(s) um ano... e depois nós casô(u)... nós fugimo(s) casamo(s)... teve uma vida muito difícil... hoje graças a Deus tá estabilizado mas::... foi difícil no começo (BDI 056 10)
(8.f)	nós saiu corren(d)o... e nós foi passá(r)... o ano novo na praInha... ao invés de ficá(r) dentro d'água ficô(u) fora d'água SÓ beben(d)o e depois dessa que cês tinham coragem de entrá(r) na prai/ na/ na água? (BDI 062 280)

Conforme se pode observar em (8.d), a maior tendência de uso de formas de 1PP se dá, nesses casos, devido à ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante, diferentemente do que ocorre nos contextos em que o sujeito se realiza formalmente, na própria oração do verbo, por meio de um pronome pessoal. Na ocorrência, embora o informante opte pelo emprego da forma verbal de 3PS junto da construção com o pronome explícito, ele emprega o verbo em 1PP na mesma sequência, em orações em que o pronome não está explícito.

Ademais, a variante concorrente da forma verbal de 1PP no processo de variação, a forma de 3PS, é empregada também junto a outras pessoas do discurso, como já ressaltado anteriormente. O emprego de 1PP nos casos de sujeito *oculto ou desinencial* ((9.a)), dessa forma, evita a ambiguidade de referência, como vemos em (9.b), adaptada de (9.a).

(9.a)	ontem à noite agora concluí o meu quarto... meu e da minha esposa... nós tam(b)ém fizemos um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)ém usamo(s) o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com cor branca... tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula fizemos uns desenhos diferenciados lá... e agora vamo(s) partí(r) pa cozinha na minha cozinha (BDI 077 150)
*/? (9.b)	ontem à noite agora concluí o meu quarto... meu e da minha esposa... nós tam(b)ém fez um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)ém usou o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com cor branca... tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula fez desenhos diferenciados lá... e agora vai partí(r) pa cozinha na minha cozinha

Nota-se que a alteração do verbo de 1PP para 3PS causa ambiguidade de referente, principalmente nos verbos mais distantes, como os dois últimos em destaque (*fez* e *vai*), nos quais a ausência da desinência de 1PP faz com que se possa interpretar que o falante faz menção à 3PS (ou até à 2PS do discurso (você)) e não à 1PP do discurso. Para verbo com sujeito explícito, o emprego da 3PS não causa alteração do referente.

Segundo Rodrigues (1987), nos contextos em que a relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, ou seja, nos contextos de sujeito oculto, há o favorecimento de formas verbais marcadas. Essas afirmações são pertinentes à CV de 1PP com *nós*, no entanto, cabe verificar se pode ser eficazmente aplicado à CV com o pronome *a gente*.

Se no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promove, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não padrão verbal utilizada em conjunto com vasta gama de pronomes pessoais. Vejamos os resultados para esse grupo de fatores na CV com *a gente*.

Explicitude do sujeito \ Variedade		P. Brasileiro – Iboruna		P. Europeu – CRPC	
		% / nº de oc.	p. relativo	% / nº de oc.	p. relativo
CV c/ A gente	explícito	99% (1398/1413)	0,752	86,5% (129/149)	0,658
	oculto ou desinencial	56% (107/190)	0,017	43% (22/51)	0,131

Tabela 7. Concordância verbal com o pronome *a gente* no Português Brasileiro do Interior Paulista e no Português Europeu: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

Os resultados do PB e do PE apontam, para a CV com *a gente*, que contextos de sujeito explícito favorecem o uso de formas em 3PS, como ocorre em (10.a) e (10.b), e, por outro lado, contextos de sujeito oculto ou desinencial, como se verifica em (10.c) e (10.d), favorecem o uso verbos em 1PP.

(10.a)	então eu acho que é melhor às vezes... você fumá(r) um cigarro do que matá(r) um próprio pai... e uma mãe... como <i>a gente</i> vê ultimamente na televisão (BDI 036 410)
(10.b)	mas <i>a gente</i> faz legitimamente aqui, como fazemos a, fígado à portuguesa, que é fritinho, não é verdade, uma mourazinha de alho e tal, e eles gostam muito. (CRPC 041 22)
(10.c)	e depois <i>a gente</i> andô(u) no barco <i>vicking</i> ... é::... fomo(s) no cinema que as cadê(i)ra me::xe... que era muito legal

	era um filme de dinossauro	(BDI 037 30)
(10.d)	<i>a gente</i> tava apenas no mar, andávamos a arrastar, largámos a rede, quando chegou a um momento, onde eu reparei e vi aquele barco e homens com uma bóia a sinalar, a fazer gestos para um lado e para o outro.	(CRPC 1293 5)

Conforme se pode observar, ainda que os resultados do PB e do PE se distanciem consideravelmente em relação aos percentuais apresentados, com os sujeitos explícitos da amostra lusitana apresentando percentual de 86,5% de emprego de formas de 3PS e falantes do Interior Paulista demonstrando a aplicação quase categórica de verbos em 3PS nestes contextos, as tendências exibidas com base nos pesos relativos são muito semelhantes, com a categoria *sujeito explícito* mostrando-se favorecedora do emprego da 3PS (0,658 e 0,752, respectivamente para o PE e o PB). Da mesma forma, para os sujeitos ocultos ou desinenciais, as tendências do PB e do PE também são semelhantes, neste caso, favorecedoras do emprego de 1PP junto da forma pronominal *a gente* (no PE, observa-se a frequência de 43% de emprego de 3PS e peso relativo de 0,017; no PB, 56% de frequência de emprego de 3PS e peso relativo de 0,131).

Nos sujeitos desinenciais, a ausência do pronome *a gente*, representante da 1PP do discurso, pode causar ambiguidade, o que leva à maior frequência de uso da forma verbal de 1PP. Abaixo apresentamos a Tabela e o Gráfico comparativos de CV com os pronomes *nós* e *a gente*, relativos ao fator *explicitude do sujeito*, no PB do Interior Paulista.⁷

Pronome \ Sujeito	Explícito		Oculto ou desinencial	
	3PS (% / PR)	1PP (% / PR)	3PS (% / PR)	1PP (% / PR)
Nós	15,8%	84,2% / 0,453	8,2%	91,8% / 0,710
A gente	99% / 0,752	1%	56% / 0,017	44%

Tabela 8. Concordância verbal com os pronomes *a gente* e *nós* no Português Brasileiro do Interior Paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

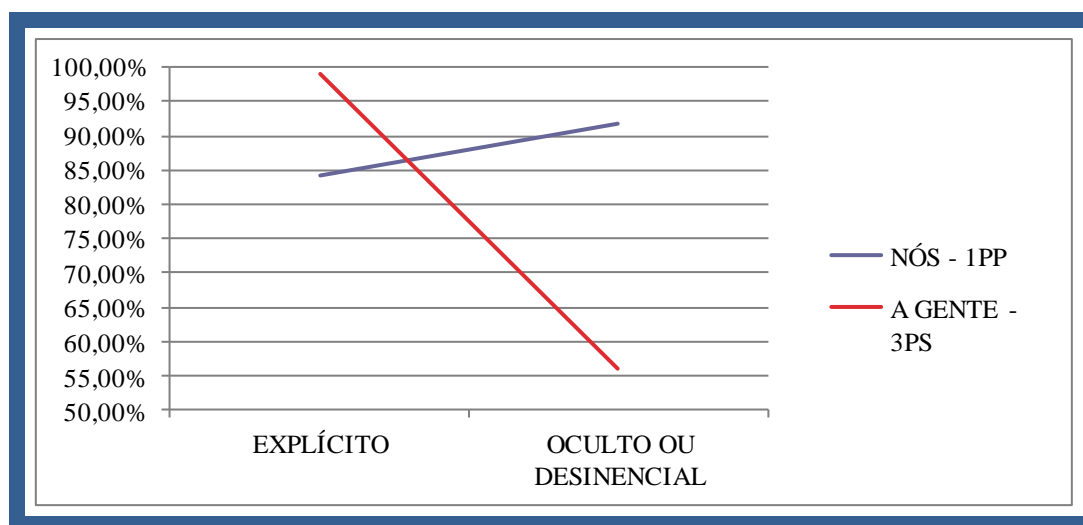


Gráfico 1. Concordância verbal com o pronome *a gente* no Português Brasileiro do Interior Paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

É possível verificar, em ambos os fenômenos variáveis, o aumento do uso de formas verbais de 1PP para os contextos em que se evidenciam sujeitos ocultos ou desinenciais, o que se justifica pela necessidade, nesses contextos, da expressão de referência à 1PP do discurso no único elemento presente na oração, a desinência verbal. Nas ocorrências exemplificativas (11.a) e (11.b), a seguir, é possível notar, a tendência apontada no

⁷ O comparativo apenas do PB justifica-se pela ausência de variação na CV com o pronome *nós* no PE.

Gráfico acima, de uso de 1PP para sujeitos desinenciais com referente anterior representado por *nós* ou por *a gente*.

(11.a)	<p>aí é:: foi eu... minha mãe é:: minha tia D. a V... minha/ minha o(u)tra ti::a... que tá me entrevistam(d)o agora... é::... aí <i>a gente</i> entrô(u) lá é:: fomo(s) lá guardamo(s) as coisa no::... onde tem lugar po cê guardá(r) lá os:: as bolsa tudo</p>	(BDI 037 15)
(11.b)	<p>não aqui nesse posto é sozinho olhan(d)o o movimento a noite inte(i)ra aí <i>nós</i> chega pa podê(r) ter um dia escala né?... <i>nós</i> fica mais sozinho aqui né?... e lá em cima fica um na guarita... e durante o dia fica DOIS... à noite éh:: ficamo(s) sozinho também... depois eu pe/ aí se acaba o expediente</p>	(BDI 121 225)

3. CONCLUSÕES

Com base nos resultados apresentados para os três fenômenos variáveis relacionados à 1PP e nas discussões empreendidas a respeito das opções metodológicas para a consideração dos casos de sujeito oculto ou desinencial, defendemos que, para comunidades em que as formas verbais em 3PS e 1PP ocorrem variavelmente junto das formas pronominais *nós* e *a gente*, é necessária a observação do contexto anterior com forma explícita a fim de determinar se o contexto é um caso de *nós implícito* ou um caso de *a gente implícito*.

A classificação de todas as ocorrências de verbos em 1PP como casos de *nós implícito*, sem a consideração do contexto anterior, pode ocasionar o “enviesamento” de resultados, com considerável possibilidade de que somente o pronome *nós* apresente o contexto variável *sujeito oculto ou subentendido*.

Como foi possível observar, há forte tendência de que os sujeitos desinenciais recebam a marca de 1PP, independentemente do pronome que o precede em oração anterior, haja vista a marca não ser redundante nesses casos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. P. 2006. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Porto Alegre. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Antonino, V. Bandeira, M. 2011. *Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada. Pápis*, São Paulo, n. 21, v.1: 159-176.
- Assis, R. M. 1988. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, v. 20: 59-81.
- Borges, P. R. S. 2004. *A gramaticalização de “a gente” no Português Brasileiro*. Porto Alegre, Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bortoni-Ricardo, S.M. 1984. *The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil*, Cambridge, University Press.
- Carmo, S. D. S. e S. S. F. Araújo. 2010. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA. *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana*, UEFES: 575-580.
- Coelho, R. 2006. *É nós na fita!* Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. São Paulo. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- Costa, J., D. Moura e S. Pereira. 2001. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*.
- Fernandes, E. A. 1999. *Nós x a gente*: variação estável ou mudança em progresso? em M. E. Soares e M. S. S. Aragão (eds.). *Anais da XVI Jornada de Estudos Linguísticos*. Fortaleza: UFC/GELNE: 331-334.
- Labov, W. 1966. *The social stratification of English in New York city*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics.
- Labov, W. 1972. *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. 1994. *Principles of linguistic change: internal factors*, Oxford, Blackwell.
- Lopes, C. R. S. 1998. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. *Delta*, vol.14, n.2, São Paulo.
- Lopes, C. R. S. 1999. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*: percurso histórico. Rio de Janeiro. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRJ.
- Lucchesi, D., A. Baxter e J. A. A. Silva. 2009. A concordância verbal, em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro. (orgs.) *O português afro-brasileiro*, Salvador, Edufba: 331-371.
- Mattos, S. E. R. 2010. A primeira pessoa do plural em Goiás, em M. J. Marçalo, C. Lima Hernandez, E. Esteves, M. C. Fonseca, O. Gonçalves, A. L. Vilela, A. A. Silva. (Eds.) *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Évora, Universidade de Évora: 11-22.
- Mendonça, A. K. 2010. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba. Vitória*, 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo.

- Naro, A. J., E. Görski e E. Fernandes. 1999. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2: 197-211.
- Rodrigues, A.C.S. 1987. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- Omena, N. P. 1996. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito, em G. M. Oliveira e Silva e M.M.P. Scherre. *Padrões sociolinguísticos*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 309-323.
- Omena, N. P. 1986. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural em A. J. Naro *et al.*: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ: 286-319
- Omena, N. P. 2003. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? em M. de C. Paiva e M. E. L. Duarte (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria: 63-114.
- Pereira, S.M.B. 2003. *Gramática comparada de a gente*: variação no Português Europeu. Lisboa, 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Lisboa.
- Rubio, C. F. 2012. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no Português Brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 391 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- Seara, I.C. 2000. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon* 14. 28/29: 179-194.
- Tamanine, A. M. B. 2002. A alternância nós e a gente no interior de Santa Catarina. Tese de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Curitiba.
- Vianna, J.B.S. 2006. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Rio de Janeiro, 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – UFRJ.
- _____. 2011. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, UFRJ.
- Weinreich, U., W. Labov, e M. Herzog. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lheman, W., Malkiel, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press: 95-195.
- Zilles, A.M.S., L. Maya e K. Silva. 2000. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, v.14, n.28/29: 195-219.
- Zilles, A. M. S. 2007. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2: 27-44.
- Zilles, A. M. S. 2005. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.17, n.1: 19-53.
- Zilles, A. M. S. 2004. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.4, n.1: 13-46.